

## DIÁLOGO ABERTO SOBRE A LÍNGUA INGLESA E SUAS QUESTÕES

LIMA, Diógenes Cândido de. *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Maria Amélia Sousa Lima Silva\*

*O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso da incompletude. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com o seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade [...].*  
(FREIRE, 1996).

Eu. O Outro. O Mundo. A Incompletude. A Inquietude. A Curiosidade. O Diálogo. Ousadamente, parafraseando um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, o nosso Paulo Freire, afirmo que não transgride o organizador desta obra, porquanto permite, por meio desta, o comunicar do conhecimento ao mundo e aos outros “banhado” no impulso da incompletude. Não transgridem os autores participantes da obra como proponentes e analistas das questões em torno do ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, na medida em que, com o gesto da relação dialógica que inauguram na posição de sujeitos, se arriscam e se expõem ao mundo e aos outros, inquietando e instigando a curiosidade.

Ora, qual maior motivo poderia ser-nos dado a ponto de nos fazer sair da posição cômoda, não obstante limitada, do nosso fechamento ao mundo e aos outros, a não ser o de, movidos pela inquietação, pela curiosidade e pela avassaladora incompletude que nos consome, romper as fronteiras do nosso isolamento, para saber se o que nos incomoda é, também, o que incomoda os outros? *Ensino e Aprendizagem em Língua Inglesa: conversas com especialistas* abre a todos uma janela para o diálogo. Instaura o espaço para o mover e o perscrutar das questões que envolvem o caminho do ensino e da aprendizagem de línguas.

Pensem um pouco no que dizem Ellinor e Gerard (1998, p. 91) a respeito do diálogo:

O diálogo é um meio para que comecemos a conhecer todas as muitas maneiras pelas quais nos interligamos e integramos uma única realidade compartilhada. Também é

---

\* Professora Auxiliar dos Componentes Curriculares: Estudo Diagnóstico da Prática Docente e Prática Docente em Língua Inglesa no Departamento de Ciências Humanas (DCH) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus VI – Caetité-BA.

um meio para que percebamos a natureza contínua das mudanças que estão ocorrendo à nossa volta e de ajudar-nos a compreender e tirar significado daquilo que pode parecer uma desordem. O diálogo pode nos ajudar a ver os grandes padrões que permeiam nossas vidas cotidianas.

Considerando o campo de ensino e de aprendizagem de línguas como esta “única realidade compartilhada”, na qual estamos interligados e integrados, o diálogo proposto neste trabalho certamente constitui um meio que nos fará perceber, sim, a natureza contínua das mudanças tão rápidas com as quais ainda estamos nos acostumando e, quem sabe, tirarmos proveito daquilo que pode, momentaneamente, nos parecer uma grande desordem.

A fim de entender melhor as discussões suscitadas no livro que está sendo resenhado, adotemos a reflexão do professor e pesquisador Moita Lopes (1996, p. 180) que no capítulo sobre “A formação teórico-crítica do professor de línguas: o professor-pesquisador” discute a condição do professor que é “treinado a partir de certos modismos sobre como ensinar línguas”, cuja formação é pautada em dogmas, e diz que para este “a sala de aula é o lugar das certezas sobre o quê, o como e o porquê ensinar, refletida nesta abordagem pronta e acabada”. Ao advogar uma formação teórico-crítica para o professor de línguas, Moita Lopes questiona o que chama de “formação dogmática” e diz que uma “formação teórico-crítica” envolve “um conhecimento sobre a natureza da linguagem em sala de aula e fora dela” e “um conhecimento sobre como atuar sobre os processos de ensinar e de aprender línguas” (p. 181). No entendimento do autor,

Isso requer consciência crítica de que ao interagirmos socialmente, ocupamos papéis sociais específicos, que carregam marcas típicas do ser social que somos (marcas de gênero, de raça, de classe, etc.). Essas marcas determinam os papéis interacionais que ocupamos nas relações de poder com que nos defrontamos no dia-a-dia. Deste modo, aprender a usar a linguagem implica aprender a participar destes papéis sociais, que estão no microcosmo da sala de aula evidenciados como reflexo do mundo fora da sala de aula (p. 182).

Com base nessas considerações, notamos que assumir uma postura teórico-crítica requer uma renúncia de papéis. Um rompimento de paradigmas. Ver e reconhecer os grandes padrões que permeiam nossas vidas cotidianas através do diálogo não constitui, em absoluto, uma tarefa fácil: é um “lapidar” de identidades. E neste contexto, citamos o também professor e pesquisador Rajagopalan (2003, p. 69) que, em seu texto intitulado “Língua estrangeira e autoestima”, comenta:

Vivemos, na verdade, uma época em que a questão da identidade já não pode ser mais considerada como algo pacífico. As identidades estão cada vez mais sendo percebidas como precárias e mutáveis suscetíveis à renegociação constante.

O fato de percebermos a suscetibilidade de nossas identidades à renegociação constante, posto que, precárias e mutáveis, remete-nos à lembrança de que, também, estamos vivenciando tempos de

mudanças rápidas, para os quais os cidadãos, deixam de ser desse ou daquele lugar, desse ou daquele país e passam a ser “cidadãos do mundo”. A explicação para este “processo metamórfico”, se é que podemos chamar assim, veremos a seguir, citando ainda outra vez, as palavras de Rajagopalan (2003, p. 69):

Uma das maneiras pela qual as identidades acabam sofrendo o processo de renegociação, de realinhamento, é o contato entre as pessoas, entre os povos, entre as culturas. É por esse motivo que se torna cada vez mais urgente entender o processo de “ensino-aprendizagem” de uma língua “estrangeira” como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades. Pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa.

Entrementes, no espaço restrito da sala de aula, no convívio diário com os alunos, nas diversas histórias que a escola compartilha, na singularidade de cada realidade, as vozes se calam, os mundos se fecham, criam-se barreiras e muros ideológicos que fazem os sujeitos se isolar e se debater em suas perguntas sem respostas. A falta de diálogo alimenta o comodismo e perpetua o ciclo da desinformação, que traz imensos prejuízos à produção de conhecimentos.

Reconheço, por isso, como legítima a iniciativa de Diógenes Cândido de Lima e de seus Colaboradores, ao abrir este canal de diálogo colocado à disposição de alunos, “ex-alunos, muitos deles professores de Língua Inglesa, atuantes em instituições da rede pública e/ou privada de ensino”, como explicita Lima (2009) na apresentação de seu livro. São pessoas que representam, na verdade, centenas de outros indivíduos com as mesmas dúvidas, com as mesmas angústias, com essas mesmas e outras vivências, e que procuram, sob a mesma expectativa, ter suas questões pensadas, esclarecidas, debatidas e, finalmente, dialogadas...

Os constantes questionamentos que partiram desse grupo de pessoas levaram à organização desta obra, cujo objetivo principal é “estabelecer um espaço de debates, provocações e reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem de Inglês como língua estrangeira e internacional” (LIMA, 2009, p. 10). De uma forma genuína, todas as pessoas que participam deste trabalho como proponentes usam suas vozes para exprimir suas indagações, suas dúvidas e inquietações, porque reconhecem a necessidade de uma mudança em sua prática pedagógica e almejam o crescimento através dessa relação dialógica. De igual modo, os especialistas que acataram a proposta e “aceitaram” estabelecer esse diálogo, não como donos da verdade, como bem observa Lima (2009, p. 11), “mas, sobretudo, como quem tem se debruçado sobre o assunto e desenvolvido consolidada pesquisa na área em que atua”.

Outra vez fazemos citamos as palavras de Paulo Freire (1983, p. 15), porque percebemos que elas condensam tudo o que transcende desse “diálogo-livro”:

[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Enfim, o trabalho de Lima (2009) representa o resultado de uma operação conjunta, da qual participamos todos nós, uma vez que inseridos no contexto do ensino e da aprendizagem, sentimo-nos dialogicamente representados no livro, que nasceu, cresceu e já começa a dar os seus primeiros frutos.

## Referências

ELLINOR, L.; GERARD, G. *Diálogo: redescobrimo o poder transformador da conversa*. São Paulo: Futura, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Extensão ou comunicação*. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

LIMA, Diógenes Cândido de. *Ensino e aprendizagem em língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paula da. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

*Recebido em 12/04/2010*  
*Aprovado em 12/05/2010*